



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA – CESP
DEPARTAMENTO DE LETRAS

ANGELA BRENDA COSTA DA CONCEIÇÃO

**A QUESTÃO RACIAL PRESENTE NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE
UMA FAVELADA***

PRESIDENTE DUTRA - MA

2019

ANGELA BRENDA COSTA DA CONCEIÇÃO

**A QUESTÃO RACIAL PRESENTE NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE
UMA FAVELADA***

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, língua portuguesa e respectivas literaturas de língua portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento
Alves

Presidente Dutra - MA

2019

Conceição, Angela Brenda Costa da.

A questão racial presente na obra Quarto de despejo: diário de uma favelada / Angela Brenda Costa da Conceição. – Presidente Dutra, 2019.

43 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do Nascimento Alves.

1.Questão racial. 2.Quarto de despejo. 3.Carolina Maria de Jesus. 4.Literatura. 5.Cânone. I.Título

CDU: 821.134.3(81)-94

ANGELA BRENDA COSTA DA CONCEIÇÃO

A QUESTÃO RACIAL PRESENTE NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA*

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra – CESPd como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, língua portuguesa e respectivas literaturas de língua portuguesa.

Aprovada em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Jonh Jefferson do Nascimento Alves (Orientador)
Mestre em Letras
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Profa. Esp. Widêglan Marques Sousa Beserra
Especialização em Psicopedagogia Institucional e Clínica
Instituto de Ensino Superior Franciscano

Profa. Esp. Francione Lima Belfort
Especialização em Literatura Portuguesa e Brasileira
Instituto de Ensino Superior Franciscano

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, e a todas as pessoas que sofrem com os traumas, violências e humilhações que o racismo estrutural reserva. Dedico também, a todas as mulheres negras que transgridem padrões e, sobretudo, lutam contra o sistema opressor.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ser luz na minha vida, pela força espiritual que tem me assegurado todos os dias, por ser meu auxílio e a minha fortaleza, sem Ele não seria possível à realização desse trabalho.

À minha mãe Angelina Dias Costa, que me incentivou fazer a graduação, sempre apoiou minha trajetória nos estudos, não medindo esforços para proporcionar tudo que é possível, e por ser um exemplo de força e perseverança.

Às minhas tias Solimar Silva Costa, Suely Silva Costa e Celiane Silva Costa, que sempre acreditaram no meu potencial.

Às minhas amigas Jaciele Fernandes da Silva, Cícera Soares de Alencar e Charlene Matos dos Santos Oliveira, pelo carinho, companheirismo, risos e abraços compartilhados nesses anos de convivência.

À Universidade Estadual do Maranhão, e todos os funcionários que contribuíram na realização desse trabalho.

Por fim, ao meu estimado orientador, Professor Ms. Jonh Jefferson do Nascimento Alves, pela compreensão das nossas dificuldades, paciência, generosidade, apoio e incentivo para a construção deste trabalho. A todos, meu muito obrigado.

*Eu nasci para sofrer
Se eu morrer não levo saudades
Na terra, o negro não pode ter
Personalidade*

*Eu nasci aqui no Brasil
Mas sofri. Fui tão infeliz
Lutei e não consegui
Realizar o que eu quis.*

*Pedi: me dê felicidade
Quero o campo e não a cidade
Mas foi tudo em vão,
Por isso me arrependi
Porque fui tola e saí do
Do meu barracão.*

(Carolina Maria de Jesus)

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar a questão racial presente na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. É uma obra autobiográfica, a qual a escritora/personagem sendo mulher, negra, pobre, favelada, semianalfabeta e mãe solteira, narra seu cotidiano e dos moradores da Favela do Canindé. Para tanto, fez-se necessário verificar o processo histórico que deram início ao racismo, refletiu sobre as adversidades enfrentadas por Carolina, bem como a discriminação racial, desigualdades e a *branquitude* ocupando lugar de privilégios, buscou compreender como Carolina, figura subalternizada, tornou-se escritora de sucesso, adentrando a literatura brasileira, como também sua exclusão do cânone literário. Realizou-se uma pesquisa bibliográfica com leitura crítica-reflexiva aprofundando na trajetória da escritora, uma vez que a obra descreve suas vivências. Através dos relatos de Carolina percebeu-se a situação subumana que às pessoas negras encontram-se submetidas, realidade não diferente do hoje, já que se mantém uma sociedade hierarquizada, determinada pelo racismo estrutural. Portanto, considerou significativo ressurgir os escritos de Carolina, símbolo de luta e representatividade, respeitando seu lugar de fala, e, sobretudo mostrando a necessidade de reconhecer o mito da democracia racial a fim de construir uma sociedade antirracista.

Palavras-chave: Questão racial. *Quarto de Despejo*. Carolina Maria de Jesus. Literatura. Cânone.

ABSTRACT

The present work sought to analyze the racial issue present in the work *Eviction Room: diary of a slum*, by Carolina Maria de Jesus. It's a work autobiographical, which the writer/character being a woman, black, poor, slum, semi-illiterate and single mother, recounts her daily life and of the residents of Favela do Canindé. Therefore, it was necessary to verify the historical process that they gave beginning to racism, reflected on the adversities faced by Carolina, as well as such as racial discrimination, inequality and whiteness taking privileges, sought to understand how Carolina, a subordinate figure, became successful writer, entering the Brazilian literature, as well as its exclusion of the literary canon. A bibliographic research with critical reading was performed, deepening in the writer's trajectory, since the work describes her experiences. Through Carolina's reports, the subhuman situation that black people are subjected, a reality no different from today, since a hierarchical society is maintained, determined by structural racism. Therefore, it was considered significant to resurrect the writings of Carolina, symbol of struggle and representativeness, respecting their place of speech, and, above all, showing the need to recognize the myth of racial democracy in order to build a anti-racist society.

Keywords: Racial issue. *Eviction Room*. Carolina Maria de Jesus. Literature. Canon.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 BREVE TRAJETÓRIA DE VIDA DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS .	11
2.1 São Paulo: <i>a sala de estar</i>	14
2.2 Favela do Canindé: <i>o quarto de despejo</i>	16
3 ENTRADA DA ESCRITORA NO CENÁRIO DA LITERATURA BRASILEIRA	18
3.1 Exclusão da figura feminina, negra e pobre do cânone literário	21
3.2 Discriminação de uma escrita marginal	24
4 REFLEXÃO SOBRE O RACISMO PRESENTE NA OBRA <i>QUARTO DE DESPEJO</i>	27
4.1 Carolina e a busca pela igualdade racial.....	32
4.2 A <i>branquitude</i> como lugar de privilégios	35
5. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus é considerada uma das primeiras escritoras negras do país. Por sua condição de mulher, negra, favelada, semianalfabeta, mãe solteira e catadora de papéis, sempre viveu à margem da sociedade. A célebre escritora surge no cenário literário repentinamente, alcança tremendo sucesso, e em seguida é esquecida do imaginário popular.

Carolina não intencionava ser somente uma mulher negra miserável, desejava ir além, objetivava vencer na vida, e alcançar visibilidade através da escrita e literatura. Em papéis encontrados no lixo começa retratar seu cotidiano, sua luta pela sobrevivência, as angústias da fome, as atitudes errôneas de seus vizinhos, a violência, o descaso das autoridades políticas, injustiças sociais, em suma, denunciava as condições de miserabilidade na favela do Canindé. “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa” (JESUS, 1960 p.17).

O diário escrito no período de 1955 a 1960, deu origem à obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, publicado com ajuda do repórter Audálio Dantas. A obra tornou-se best-seller por retratar a situação política e social da época. A partir de então, a escritora com seu estilo próprio, deu voz à coletividade miserável, sensibilizando e abalando a estrutura social do país.

A escritora também abordou em seus escritos o racismo que sofreu diariamente, a exclusão como consequência, apresentando uma analogia entre a escravidão e a condição da população negra pós-abolição. E sob esta perspectiva, a escritora/personagem buscava o direito à igualdade em uma sociedade que externava a supremacia branca.

Diante do exposto, objetivou-se analisar a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* refletindo sobre a questão racial. A pesquisa buscou compreender como o racismo afetou na vida de Carolina e da população negra, e entender as marcas dessa herança que estruturou-se até os dias atuais. Além disso, averiguou como Carolina, voz marginalizada, surge no cenário literário e, posteriormente é excluída do cânone brasileiro.

É necessário trazer para o centro de discussão a questão racial, visto que o racismo é uma prática cada vez mais comum, os negros continuam submetidos ao sistema de exclusão e desigualdades, camuflado em um discurso de democracia racial. Conforme proferido por Ângela Davis, no evento sobre os 130 anos da Lei

Áurea, “numa sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”. Nesse sentido, o racismo não deixará de existir se não for reconhecido e debatido.

A presente monografia também se justifica por resgatar a escritora Carolina Maria de Jesus, ainda pouco conhecida do público leitor, decorrência da tripla marginalização, mulher, negra e pobre, que por incomodar o cenário literário, apresentando a visão do subalterno, uma literatura de denúncia até então divergentes das temáticas abordadas por homens brancos, sofreu tentativas de silenciamento, seguindo desvalorizada no grupo das belas letras.

Os procedimentos metodológicos adotados centram-se na pesquisa bibliográfica com leitura crítica-reflexiva. O referencial teórico baseia-se em escritores que abordam sobre a questão racial como Munanga (2003), Skidmore (1989), Santos (1948), Cardoso (2010), etc. Outros escritores de grande relevância foram os biógrafos de Carolina Maria de Jesus, sendo eles Farias (2017), Castro e Machado (2007).

Este trabalho está organizado em três capítulos, no primeiro capítulo buscou apresentar a breve trajetória de Carolina Maria de Jesus, visto que para compreender *Quarto de Despejo*, um diário autobiográfico, faz-se necessário conhecer o começo do percurso de vida da escritora/personagem. O segundo capítulo abordou a entrada da escritora no cenário da literatura brasileira, bem como a discriminação e sua exclusão do cânone literário. O terceiro e último capítulo buscou retratar a questão racial presente na obra *Quarto de Despejo*, dando ênfase ao racismo, a igualdade racial e a supremacia branca.

2 BREVE TRAJETÓRIA DE VIDA DA AUTORA CAROLINA MARIA DE JESUS

Em primeiro lugar, será apresentada a vida de Carolina Maria de Jesus, posto que a escritora apresenta uma vida enigmática, envolvente, e pouco retratada por escritores, que até então ignoravam o universo de uma mulher, negra, marginalizada, semianalfabeta e mãe solteira. A abordagem é necessária para compreender a obra *Quarto de Despejo*, diário autobiográfico, bem como a entrada da escritora no cenário da literatura brasileira.

Carolina Maria de Jesus nasceu no dia 14 de março de 1914 em Sacramento, interior de Minas Gerais, chegou ao mundo 26 anos após a abolição da escravidão, em um contexto de grande luta para os negros. Segundo Tom Farias (2017 p. 33), no ano do seu nascimento ocorre à primeira Guerra Mundial, a estrutura social encontra-se bastante afetada, e os negros largados à própria sorte, desamparados das autoridades políticas, e condicionados a mão de obra barata.

Carolina é fruto de uma relação extraconjugal entre Maria Carolina e João Cândido Veloso, neta de ex-escravo, “ele, assim como os demais negros de sua geração, era analfabeto, além disso, e, sobretudo, um homem resignado por suas condições de ‘soldo da escravidão’” (FARIAS, 2017 p. 24). Em comparação ao seu irmão, Carolina sofreu discriminação demasiadamente, por ter a pele mais escura e ser resultância de uma traição por parte materna, como ressalta Farias (2017):

[...] é que, quando Cota conheceu o pai de Carolina, João Cândido Veloso, ela ainda era casada, pelo menos no papel, com Osório Pereira. Podemos imaginar o escândalo que este fato causou na pequena cidade. Pois, ao que parece, Cota ficou grávida de Bitita ainda com o marido oficial dentro de casa, e isto, para uma Sacramento tão conservadora, no início da segunda década do século, como era, foi uma verdadeira gota d’água. (FARIAS, 2017, p.20)

Conforme Tom Farias, Carolina Maria de Jesus adquiriu a oportunidade de estudo por incentivo e custeamento da patroa de sua mãe, “por ela não dá sossego a ninguém, dona Mariquinha, filantrópica, teve a ideia de matricular a menina no Colégio Allan Kardec” (2017, p. 45). O melhor existente na região, fundado pelo Dr. Eurípedes Barsanulfo. Além disso, é no Colégio Allan Kardec com estudantes elitizados que inicia o processo discriminatório de Carolina, efeitos que implicaria em toda sua vida.

De imediato, Carolina avança no processo de alfabetização, a primeira obra que desfrutou da leitura refere-se ao romance “A escrava Isaura” de Bernardo Guimarães; mais tarde, usará o mesmo teor realista ao escrever suas obras. Carolina manteve-se na escola por dois anos, realizando somente o segundo ano primário, precisou abandonar os estudos, em razão da necessidade de acompanhar a mãe na busca por empregos fora de Sacramento. Como bem certifica Tom Farias (2017, p. 54):

No entanto a vida escolar de Carolina durou bem pouco. Pouco mais de um ano depois de empolgada com os estudos e com as leituras [...] teve que sair do colégio Allan Kardec, de uma hora para a outra, para atender uma necessidade crucial da sobrevivência familiar: acompanhar a mãe a um trabalho fora da cidade de Sacramento. [...] Chorou muito, entristeceu-se bastante, revoltou-se mais do que pode, mas não teve outro jeito, a mãe Cota precisava ganhar a vida e sobreviver, o que era praticamente impossível numa cidade tão tradicional e pacata, e cada vez mais cara e difícil para se relacionar.

A pequena cidade de Sacramento, onde nasceu, originou-se de um quilombo, diante das transformações sociopolíticas permaneceu em desnível social. Os negros nesse período viviam subalternizados, sem condições necessárias para subsistir. Diante de tal situação, a família de Carolina trabalhava em lavouras, submetidos à exploração, humilhação e marginalização. Na extrema pobreza, sujeitavam-se a qualquer trabalho para adquirir mantimentos, e muitas vezes não recebia pelo o que trabalhavam, uma árdua luta pela sobrevivência. Farias (2017), destaca que:

Cidades afastadas dos grandes centros tinham poucas informações sobre as suas causas e efeitos do pós Abolição, como era o caso da pequenina e mineira Sacramento. [...] O nível do empobrecimento das famílias negras era deprimente, social e culturalmente, e gritante, do ponto de vista político e econômico. Sem estudos ou qualquer profissão certa, largados à própria sorte, totalmente desamparados por governos, negros e negras se tornavam alvos exploratórios da mão de obra barata, da violência do sistema e do genocídio incondicional da polícia. (FARIAS, 2017, p. 33)

Devido à exploração trabalhista Carolina contraiu graves feridas nas pernas ficando por algum tempo dependente da mãe e do padrasto, as feridas atormenta-a por causar mau cheiro e repugnância. Diante dessa realidade, inicia-se o seu processo de migração na busca por remédios, como não possuía recursos suficientes seguiu vários dias a pé, suja, com fome e sem abrigo. Nessas jornadas,

“[...] ouviu bastante impropérios, insultos, xingamentos, grosserias e muito preconceito, algo bem torpe, sobretudo porque era mulher, e uma mulher pobre e negra, e o pior, indefesa” (FARIAS, 2017, p. 84).

Carolina, após uma jornada de diáspora e muitas humilhações, retorna a Sacramento, sem apresentar melhoras, levando um dicionário prosódico do Brasil e Portugal, “gostava, no entanto, de sentar-se ao sol para ler, na frente de sua casa, que dava acesso para frente da rua” (FARIAS, 2017, p. 93). Ainda segundo Farias, não era uma cena usual, uma mulher, negra, humilde, á toda, lendo um livro.

Em decorrência, um vizinho equivocadamente denunciou-a de está lendo livro de São Cipriano, que contém rituais de feitiçaria, magias negras e exorcismo, segundo a vizinhança tal bruxaria seria destinada aos vizinhos brancos. Por conseguinte, Carolina e a mãe foram presas. Durante a permanência na prisão foram espancadas, humilhadas, exploradas a trabalhar, e quando se viram livres decidiram imediatamente mudar de cidade. Como Carolina descreve na obra *Diário de Bitita* (1986):

Assustei quando vi os policiais. Eles pararam na minha frente e deram ordem de prisão. Não perguntei por que estava sendo presa. Apenas obedeci. Minha mãe interferiu, dizendo que eu não estava fazendo nada de errado. — Cala a boca! E você também está presa. Seguimos na frente dos dois policiais. [...] Ficamos presas dois dias sem comer. No terceiro dia o sargento nos obrigou a carpir a frente da cadeia. O povo passava na rua sem nos ver. Eu pensava: ‘Admito que se dê um castigo moral aos que erram, mas eu não errei.’ No quarto dia fomos carpir até ao meio-dia. As minhas mãos doíam, as feridas por falta de remédios inflamaram novamente. [...] O sargento mandou um soldado preto nos espancar. Ele nos espancava com um cacete de borracha. Minha mãe queria proteger-me, colocou o braço na minha frente recebendo as pancadas. O braço quebrou, ela desmaiou, eu fui ampará-la, o soldado continuou espancando-me. Cinco dias presas e sem comer. [...] O meu primo Paulo arranhou os vinte mil-réis, e me soltou. Hei de considerar o meu primo Paulo como o meu único parente. [...] Minha mãe dizia: — Você precisa deixar esta cidade. — Está bem — concordei. (JESUS, 1986, p. 179-181)

Em consequência, Carolina e sua mãe mudam-se para Franca, interior de São Paulo, visando não mais voltar a Sacramento. Em Franca, Carolina não consegue se adaptar aos requisitos do emprego doméstico, por sua indisciplina, desorganização, e, acima de tudo, por não suportar o mando e desmando de patrões, era constantemente despedida, não fixava em nenhum emprego. Essa árdua vivência estende-se por dois anos, ora abrigavam-se de favor em um circo, ora dormiam nas ruas sobre jornais, “[...] a situação de penúria de mãe e filha era

enorme. Não tinham dinheiro para comer, vestir, transportar-se na cidade” (Farias, 2017, p. 102).

Cota já envelhecida e doente, retornou sozinha a Sacramento, chegando a falecer anos mais tarde. Carolina permaneceu em Franca, sentia-se vazia, incompleta, seu objetivo é regressar a capital de São Paulo considerada pela escritora “o paraíso para os pobres”, o lugar de grande aspiração, o sucesso dos marginalizados, uma *sala de estar*.

2.1 São Paulo: a *sala de estar*

Carolina sentia a necessidade de se estabelecer em São Paulo. A princípio, visto como uma oportunidade de alcançar sucesso, o paraíso da felicidade e glória, em que os miseráveis desfrutavam de boa educação e trabalho. Seu anseio é regressar para a sublime capital com intuito de tornar-se poetisa preta, marcar a história da poesia, ser referência para Sacramento. Em 1937, muda-se para a metrópole paulista, como bem relata Farias (2017):

Excitada por estar residindo na cidade que tudo lhe oferecia, Carolina Maria, como passou a ser chamada, certamente, deslumbrou de vez. Fato é que ela chegou em São Paulo com a cabeça voltada para a leitura e para a poesia, que acabou ficando ainda mais forte. Seu objetivo era fazer a vida como poetisa – como ela mesma se denominava – e passou a exhibir-se para quem fosse possível, e nos respectivos locais que a aceitasse, como circos, festas, e, sobretudo, nas redações dos diversos jornais paulistas, onde ia com uma certa frequência. (FARIAS, 2017, p. 113)

No entanto, não demorou muito para Carolina decepcionar-se com a capital, São Paulo não apresentava nada do que tanto idealizava. Encontrou um cenário de crise econômica, elevado os custos dos gêneros alimentícios, pobreza, desemprego, e aumento da densidade populacional motivado pela industrialização e urbanização. E devido o grande número de migração, os governantes encaminhavam os novos habitantes para as favelas, já que a exploração imobiliária não deu conta (FARIAS, 2017).

Carolina descontente com a situação, partiu para o Rio de Janeiro em 1940, “[...] por supor que fosse o ‘centro de maior cultura e campo amplo para quem tem inspirações, como ela’” (FARIAS, 2017, p. 116). A cidade Maravilhosa também não proporcionou-lhe melhores condições de vida, mas essa trajetória foi importante

para impulsionar sua carreira de escritora. Ao mesmo tempo em que Carolina trabalhava como doméstica, escrevia suas poesias e procurava redações para publicar, por não conseguir conciliar as atividades acabava sendo despedida. Como afirma em *Poesias, fogões e panelas* (1942) apud Farias (2017):

Entre o fogão e as panelas, só o diabo da poesia me tentava... Certo dia enquanto escrevia uma poesia, a panela do feijão queimou e a patroa me mandou embora... Arranjei outro emprego, mas eu esquecia tudo para fazer um verso que me vinha á cabeça e acabava sendo outra vez despedida! Por isso eu disse ao senhor que a poesia é a minha desgraça. Por causa dela eu ando ao léu, pensando e rimando versos. (JESUS, 1942, p. 5 apud FARIAS, 2017, p. 116)

O Rio de Janeiro por não exceder suas expectativas, volta a residir em São Paulo retornando sua carreira como escritora. É em jornais e revistas que encontram-se seus primeiros escritos, poesias, entrevistas e artigos. A vida de Carolina continuava infeliz, passando por dificuldades, sujeitando-se a qualquer profissão para ter o que comer “[...] fora deles, ficava à mercê da própria sorte, sem alternativa a não ser de morar na rua, nos albergues noturnos, cortiços, em construções velhas ou debaixo de viadutos. Vida dura, vida amarga” (FARIAS, 2017, p. 142).

Um fato curioso, é que Carolina chegou a trabalhar como empregada doméstica na residência de pessoas importantes como é o caso do médico Euryclides de Jesus Zerbine, responsável pelo primeiro transplante de coração no Brasil. A futura escritora chegava a abrir mão de suas folgas semanais para situar na biblioteca de Zerbine, aperfeiçoando seu letramento literário. Fato esse, que fez Dr. Zerbine ser o convidado especial no lançamento do seu livro *Quarto de Despejo*.

Além das adversidades, São Paulo apresentava boas distrações para Carolina. De acordo com Tom Farias (2017, p.137), frequentava teatros, cinemas e festas. A jovem era de muitas relações amorosas, em consequência disso engravidou cedo, mãe de três filhos de pais diferentes, João José, José Carlos e Vera Eunice. Os pais eram de nacionalidade estrangeira e não registraram as crianças. Carolina, agora, mãe solteira, devido à mentalidade da época não mais poderia continuar escrevendo para as redações, tampouco trabalhar em casa de família, sendo obrigada a deixar seu emprego e passar a viver nas ruas de São Paulo, posteriormente na favela do Canindé.

2.2 Favela do Canindé: o quarto de despejo

Devido a crescente urbanização, a população marginalizada, negros, pobres e migrantes viviam nas ruas, ou ocupavam terrenos de outrem. Visto como problemas, os governantes decidem expulsar os moradores subalternos para longe do centro de São Paulo, assim, são lhes destinados terrenos nas favelas. Carolina Maria de Jesus foi contemplada com um terreno na favela do Canindé, às margens do rio Tietê. “Eu classifico São Paulo assim: O palácio é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (JESUS, 1960, p. 33).

As condições nas favelas não eram das melhores, os moradores não desfrutavam de água encanada, tendo que usufruir do rio Tietê, os terrenos cedidos eram bastantes pequenos com dificuldade abrigava uma família. Carolina nesse contexto encontrava-se grávida do primeiro filho, e para não viver nas ruas, constrói sozinha seu barraco com as sobras de matérias da construção de uma igreja. Como Carolina bem descreve na obra “Onde estaes Felicidade?” (2014):

Eu queria fazer o meu barracão e não dinheiro para comprar tabuas. Estavam construindo a igrêja Nossa senhora do Brasil. Eu resolvi pedir umas tabuas para monsenhor carvalho. Ou sêja o padre João batista de Carvalho. Ele deu-me e eu não tinha dinheiro para pagar condução carreguei as tabuas na cabeça da Avenida Brasil ate o ponto final do Canindé. Todas as noites eu dava duas viagens. Eu ia de bonde, e voltava a pé com as tábuas na cabeça. Três dias eu carreguei tábuas dando duas viagens. Dêitava às duas horas da manhã. Eu ficava tão cansada que não conseguia dormir. Eu mesma fiz o meu barracãozinho. 1 metro e meio por um metro e meio. Aquê tempo eu tinha tanto medo de sapo. Quando via um sapo gritava pedia socorro. Quando fiz o meu barracão era um Domingo. Tinha tantos homens e nenhum auxiliou-me sobrou uma tábua de 40 centímetros de largura era em cima dessa tábua sem colchão que eu dormia. (JESUS, 2014, p.26)

A futura escritora não se identificava com as condições de vida na favela, vizinhos violentos, mulheres agredidas, pornografia explicita, alcoolismo, prostituição, roubos, fuxicos, descaso político, doenças, fome, além da extrema pobreza que dizimava o ambiente. Para uma poetisa preta que julgava ser intelectual, considerava um pesadelo viver nesse lugar sem solidariedade. Neste sentido, Carolina não se misturava com os moradores da favela, em razão disso era criticada, vista como uma “negra superior” (FARIAS, 2017).

Denominava a favela como “*Quarto de Despejo*” nome que dá título à obra, visto que pessoas marginalizadas eram despejadas nessa esfera, à mercê da própria sorte, sem amparo político e vivendo em situação desumana. “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludo [...] E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1960, p. 33). Desse modo, o nome da obra está relacionado à percepção de Carolina ao comparar o centro de São Paulo e a favela do Canindé aos cômodos de uma casa.

Durante as gestações, Carolina viveu momentos de penúria, não recebia ajuda dos pais de seus filhos, não tinha família e tampouco amigos. Dessa maneira, não levou nenhum acompanhante durante os partos, e não se demorava um dia para que ela voltasse à rotina pesada, precisava trabalhar para adquirir os alimentos básicos para as necessidades diárias. Como relata na obra *Onde estaes felicidade?* (2014):

Não apareceu uma mulher para auxiliar-me carregar uma lata d'água, ou lavar minhas roupas. Foi o dia que passei uma cêde horrivel não podia levantar para tomar agua. Meus filhos ficaram sujos, e tôda hora vinham na minha cama pedir pão. Eu tinha uns pedaços de pão duro que eu havia catado no lixo, descascava os pães, e dava para eles comêr. O pae de minha filha apareceu, mas não me deu um tustão. Disse que estava rescindido no Rio de Janeiro, para eu não procura-lo. E eu pensava. Se eu tivesse tido essa criança no Butantan, quem sabe se as cobras auxiliava-me. Entre os animais talvez, êxiste solidariedade. [...] Ninguem tem fêito nada para mim. Se eu quis comer tive que fazer. Pensei: Esta também devia ir para o Butantan. (JESUS, 2014, p. 42)

Carolina retirava do lixo o sustento dos seus filhos, trabalhava como catadora de papel, latinha, vidro e ferro para vender nos depósitos, sendo este o único emprego que havia conseguido. O dinheiro que ganhava revendendo os produtos, nem sempre era suficiente para comer, um trabalho árduo, competitivo e pouco lucrativo. Nos dias de fome, quando não se tinha o que comer, Carolina procurava comida nos lixos. “[...] parece que vim ao mundo predestinada a catar. Só não cato felicidade” (JESUS, 1960, p. 72).

Ainda assim, não deixou de sonhar, acreditar e lutar pela sua carreira de escritora. “O jeito é engolir o choro chorado e partir para a grande luta da vida, com tristeza de ter, cada dia mais, que adiar o seu sonho pela Literatura, pelo fascínio da escrita e pelo ‘vício da poesia’” (Farias, 2017, p. 138). Carolina com sua perspicácia e ousadia, mal sabia que além de sair da favela - úlcera da cidade, adentraria no campo literário.

3 ENTRADA DA ESCRITORA NO CENÁRIO DA LITERATURA BRASILEIRA

Carolina Maria de Jesus mesmo com pouca escolaridade, apresentava o prazer pela leitura e escrita. A leitura representava-lhe uma visão ampliada de mundo, sua liberdade e equilíbrio. “Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler. Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir” (JESUS, 1996, p. 167).

A carreira literária de Carolina iniciou-se em 1940. Em redações jornalísticas, publicava poesias, entrevistas e artigos políticos. O desejo compulsivo de escrever atormentava sua mente, e entusiasmava-se em ver seus textos divulgados, algumas das suas produções poéticas iniciais, voltavam-se ao imprevisto. Segundo Castro e Machado (2007):

A primeira reportagem foi fundadora e frequentemente lembrada por Carolina, ora como um momento de intensa alegria e esperança, ora como de profunda tristeza e medo. Desde então, ela procurou redações de jornais, revistas e editoras a fim de tentar publicar seus escritos, especialmente os poemas. (CASTRO; MACHADO, 2007, p. 31-32)

Em 1945, quando residia na favela do Canindé, Carolina já possuía uma vasta produção literária, sua primeira obra foi denominada *Cliris*, conjunto de poesias que não chegaram a ser publicadas. Enviou para editoras nos Estados Unidos, contudo, não obteve êxito. “O *The Reader Digest* devolveu os originais. A pior bofetada para quem escreve é a devolução de sua obra” (JESUS, 1960, p. 135).

A primeira obra de imenso sucesso editorial é *Quarto de Despejo*, objeto de estudo desta pesquisa, escrito em forma de diário no período de 1955 a 1960, em papéis catados do lixo quando ainda habitava na favela do Canindé. Os motivos que a levou escrever em primeiro lugar, o anseio de denunciar a realidade, tais como a falta de políticas públicas, desinteresse governamental, a situação de miserabilidade dos favelados, a agressividade dos moradores, a desigualdade racial e social.

Em segundo lugar, o desejo de alcançar sucesso, ser reconhecida, respeitada, e assim, obteria melhores condições de vida, deixando a favela, a fome e a miséria no passado. Segundo Farias (2019, p. 138), Carolina ambicionava comprar uma casa de alvenaria em um bairro nobre de São Paulo, dispor de uma existência tranquila. Além disso, é através dos seus escritos que a escritora se reconhece superior aos favelados. Como exemplifica LOPES (2016):

É na leitura que ela transcende a sua condição marginal, é através da escrita que ela alcança o sonho da casa de alvenaria. Escrever é denunciar, é trazer a tona o subalterno. Ler é uma forma de imaginar-se outra, em outro lugar. Escrever é uma prática constante, forma de desabafo. Em síntese, *Quarto de despejo* é fruto de um processo duplo: leitura e escrita, dois vícios, duas faces de uma mesma moeda. (LOPES, 2016, p. 7)

Audálio Dantas, jornalista da Folha de São Paulo, em 1960 é encarregado de uma reportagem sobre a instalação de balanços-brinquedos destinados às crianças, como também as dificuldades dos moradores na favela do Canindé. Encontra-se por destino com a escritora que protestava sobre o mau uso dos brinquedos, prometendo acrescentar o episódio no seu livro. Certamente, Carolina despertou a curiosidade do jovem repórter visionário, apresentando em seguida seus escritos. Como afirma Dantas apud Meihy e Levine (1994):

No primeiro dia em que estive lá, desisti da reportagem porque a Carolina se manifestava enquanto eu entrevistava algumas pessoas. Ela protestava contra alguns adultos que ocupavam um playground que a prefeitura havia instalado na favela. Ameaçava colocar o nome daquelas pessoas no seu livro. Então, naturalmente, quis ver qual seria o livro. Depois ficou muito claro que Carolina fez tudo aquilo para chamar a atenção, porque queria que eu soubesse que ela escrevia. Consegui. (MEIHY; LEVINE, 1994, p. 102)

O repórter Audálio Dantas mostrou grande apreço pelos 35 cadernos, prometendo ajudá-la na publicação. No prefácio da obra *Quarto de Despejo*, ressalta que “ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria toda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no seco escrever”. Diante de tudo isso, Audálio em 9 de maio de 1958 no jornal Folha da Noite, escreve uma matéria sobre a favela, destacando a vida de Carolina, e revelando trechos da obra com intuito de apresentar o potencial da escritora para a sociedade.

O repórter como combinado procurou convênio com uma editora. Durante a assinatura do contrato na livraria Francisco Alves, toda a imprensa estava presente aspirando registrar o grande acontecimento, uma mulher, negra e favelada estaria prestes a radicalizar no campo literário. Desde então, os programas televisivos, rádios, jornais e revistas, disputavam entrevistar Carolina, a novidade do momento, pretendendo descobrir sobre a trajetória e vivência da até então estranha escritora.

O lançamento do livro ocorreu em agosto de 1960, venderam 800 livros autografados no primeiro dia, e em sete dias foram vendidos 10 mil exemplares, no mês seguinte já na terceira edição chegou a 50 mil exemplares, crescendo sucessivamente, alcançando recordes de vendas. A obra manteve-se na primeira posição dos mais vendidos, ultrapassando escritores renomados como Jorge Amado, José Condé, Bertrand Russell, Marechal Montgomery, etc. Como afirma Farias (2017):

Os primeiros sinais de que “Quarto de despejo”, o diário publicado de Carolina Maria de Jesus, desde o seu lançamento, em agosto de 1960, ia se tornar-se um sucesso foi muito em função da grande procura do público já na tarde de autógrafos na Livraria Francisco Alves. A afluência de uma verdadeira multidão e a venda, naquele dia, de quase 800 livros. [...] Os meios literários receberam um baque sem tamanho. [...] Nomes como o de Jorge Amado, Jean Paul Sartre, Marcos Rey, Carlos Lacerda, Alzira Vargas do Amaral Peixoto - costumeiros recordistas de vendas de livros em lançamento - ficaram muito para trás. Além disso, Carolina quebrou outro paradigma: se manteve na lista dos mais vendidos pelo ranking da Câmara Brasileira do Livro. A então “favelada”; do dia para a noite, cresceu de importância, logo se tornou uma celebridade, uma personalidade querida, fotografada e vigiada. (FARIAS, 2017, p. 283)

Vale frisar, que a obra também foi valorizada no exterior, tornou-se *Best-Seller*, chegando a ser traduzida em 13 línguas, entre elas inglês, alemão e francês. Segundo Tom Farias (2017, p. 229), a escritora Carolina Maria de Jesus viajou diversos países, representando o Brasil, autografando sua obra, concedendo entrevistas, sendo bem recebida pelas autoridades e célebres escritores. Além disso, a escritora alcançava a glória, o estigma da fome desapareceu e encontrava-se no auge do sucesso.

Acrescenta-se também, que Carolina já possuía 20 anos de vida literária antes mesmo da obra *Quarto de Despejo* ser publicada, escrevia contos, crônicas, composições, poesias e romances, apresentando mais deleito pelo último. Outras obras significativas são *Casa de Alvenaria* (1961), *Pedaços da Fome* (1963) e *Provérbios* (1963). As demais obras foram publicações póstumas, *Diário de Bitita* (1977), *Meu Estranho Diário* (1996) e *Antologia Pessoal* (1996).

Quarto de Despejo impressionou pela revolta descrita, as resistências diárias, a forte emoção, o grito que soa e enlouquece o Brasil. É a história relatada por quem realmente viveu, ou melhor, a representação do oprimido. Carolina Maria de Jesus com um estilo único, relato objetivo, escrita simples, expressões

sarcásticas, agradou, recebeu numerosas homenagens e títulos, mas logo após sofreu um grande declínio.

3.1 Exclusão da figura feminina, negra e pobre do cânone literário

As mulheres vêm historicamente lutando pela igualdade de gênero, visto que nos tempos primórdios foram oprimidas, consideradas sexo frágil, destinadas a cuidar do lar, do marido e procriar. Não era dado às mulheres o direito educacional, pois sua função se restringia ao âmbito da casa. Desta forma, as mulheres paulatinamente reivindicaram seus direitos, conquistaram o direito ao voto, educação, trabalho, divórcio, etc. No entanto, as lutas para obter seu espaço na sociedade, e abolir as desigualdades de gênero perpetuam-se (DUARTE, 2007).

A entrada da mulher no campo literário também apresentou obstáculos, visto que em uma sociedade patriarcal a mulher é condicionada a casa, sem acesso aos livros, e excluídas do campo da intelectualidade. No início do século XX, ainda persistia a desigualdade de gênero na literatura, era comum o uso de pseudônimos masculinos com a intenção de seus escritos serem apreciados e respeitados. As mulheres que decidiam revelar suas identidades sofriam rejeição e suas obras acabavam sendo descartadas. Segundo Duarte (2007, p. 11):

Nas últimas décadas do século XIX, e mesmo nas primeiras do século XX, causava comoção uma mulher manifestar o desejo de fazer um curso superior. E a publicação de uma obra costumava ser recebida com desconfiança, descaso ou, na melhor das hipóteses, com condescendência. Afinal, era só uma mulher escrevendo. Por isso, para realizar o desejo de publicar seus trabalhos, muitas usaram pseudônimos, o anonimato, ou se juntaram para criar jornais e revistas que atravessaram muitas vezes os limites de suas cidades, de seus Estados, e se converteram em verdadeiras redes intercambiantes de informações e cultura. Outras, apesar de tudo e todos, ousaram escrever poemas, contos, romances, teatro, e publicaram seus livros, que com o tempo se perdiam nas primeiras edições e na poeira dos arquivos. (DUARTE, 2007, p.11)

É válido salientar, que as lutas das mulheres negras do sistema de exclusão da literatura foi um processo mais doloroso, visto que elas sofrem dupla discriminação, por serem mulheres e pela cor da pele. Para uma sociedade racista, as escritoras negras não dominavam o campo literário. Atualmente, percebe-se ainda uma predominância de escritores brancos, enquanto os escritores negros são excluídos. Como aponta Souza e Lima (2006, p. 13):

[...] quando nos referimos à literatura brasileira, não precisamos usar a expressão “literatura branca”, porém, é fácil perceber que, entre os textos consagrados pelo “cânone literário”, o autor e autora negra aparecem muito pouco, e, quando aparecem, são quase sempre caracterizados pelos modos inferiorizantes como a sociedade os percebe. Assim, os escritores de pele negra, mestiços, ou aqueles que, deliberadamente, assumem as tradições africanas em suas obras, são sempre minoria na tradição literária do país.

Em se tratando de Carolina Maria de Jesus, é nas procuras por redações jornalísticas que começa a sofrer discriminação. A poetisa preta sabia que sua cor seria um grande empecilho para adentrar no campo das letras. Indignada, escreve o seguinte verso; “eu disse: o meu sonho é escrever! Responde o branco: ela é louca. O que as negras devem fazer... É ir pro tanque lavar roupa” (JESUS, 1996, p. 201).

Carolina foi excluída do cânone literário em virtude de ser mulher, negra, semianalfabeta, favelada e mãe solteira. O sucesso da obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, e a popularidade de Carolina, incomodou os escritores declarados intelectuais da época que não se fizeram presente no lançamento do livro, com explica Tom Farias (2017):

O período é difícil para Carolina, porque, no plano geral, estes ataques não estavam relacionados exatamente com a qualidade de sua literatura, que muitos dos que criticaram não leram, mas sim contra a sua condição social, de mulher negra, moradora de favela - era o preconceito contra alguém que, pelo seu protagonismo, sua isolada ação empreendedora, ascendia socialmente, e por justo merecimento, por sua luta, seu grande esforço e sacrifício, por sua dor, por seu sofrimento e de sua família, no caso os seus três filhos pequenos, aos status da alta escrita e da intelectualidade. (FARIAS, 2017, p. 235)

Destaca-se ainda, que o sucesso de *Quarto de Despejo* também provocou inveja nos críticos literários, que escreviam duras críticas zombando da obra. Constantemente a tratava com adjetivos pejorativos, “escritora semianalfabeta”, “escritora exótica”, “escritora vira-lata” e “escritora favelada”, além de errarem intencionalmente seu nome. Incomodados, não aceitavam o fato de uma mulher negra subalternizada ter conquistado um grande público leitor. Para Castro e Machado (2007):

Negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher, espera-se que seja submissa, mas não é. Semianalfabeta, espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoa pela sociedade e incompreendida como escritora. (CASTRO; MACHADO, 2007, p.39)

Nesta perspectiva, as escritoras negras encontram dificuldades de ingressarem no cânone literário, “tido como um perene exemplar conjunto de obras-primas representativas de determinada cultura local” (ZOLIN, 2009, p. 327). Assim, as obras de autoria feminina negra, a título de exemplo Carolina Maria de Jesus, não são consideradas referências para os homens brancos ditos intelectuais, são lhes negado o espaço literário, e suas vozes são silenciados. Nesse sentido, Souza e Lima (2006) destacam:

Que o poder de escolha está nas mãos de grupos sociais privilegiados e/ou especialistas — os críticos. São eles que acabam por decidir que autores devem ser lidos e que textos devem fazer parte dos programas escolares de literatura. Por isso, vale a pena aprofundar um pouco mais a discussão sobre a dificuldade de nomeação da arte e da literatura produzida por autores não “eleitos” pela crítica. (SOUZA, LIMA, 2006, p. 12)

Em 1961, Carolina publica a obra “Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada”, cuja narra os acontecimentos do centro de São Paulo. A escritora não tem receio de revelar a hipocrisia que presenciava no convívio com a elite quando foi residir em Santana, bairro nobre de São Paulo. Resultando na revolta da classe média devido às confidências descritas. “Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura. Seja o que Deus quiser. Eu escrevi a realidade” (JESUS, 1986, p. 30). Farias (2017) exemplifica que:

Em “Casa de Alvenaria” Carolina é dura com a sociedade que a recebeu, é sarcástica, nutre, em determinados momentos, um rancor secular, como uma resposta do povo, no caso dela, contra uma sociedade elitizada, mas também estratificada pelo dinheiro e pelo consumo. [...] “Quarto de Despejo”, o “diário de uma favelada” havia acabado pela total quebra de curiosidade, pelo esgotamento sistemático do desejo de entender o processo e conhecer sua principal fonte e personagem, massivamente massacrada pela mídia, diariamente, por jornais, rádios e televisões, além da língua do povo. Era como se a população quisesse dar um basta: chega de Carolina! (FARIAS, 2017, p. 315)

Carolina tornou-se produto da mídia, que também contribuiu para afastá-la do cânone literário. Enquanto novidade era convidada a estar presente em todos meios de comunicação, e por incomodar uma sociedade opressora, acabou sucedendo seu esquecimento. A escritora cansada de silenciar-se confronta a sociedade elitizada, encontra no campo literário uma oportunidade de torna-se visível, apresentando uma escrita símbolo de resistência e revolução, manifestando suas lutas e defendendo suas causas. Para Guimarães (2014, p. 47):

Carolina superou em muito o dito canônico que não a reconheceu como tal e ainda hoje reluta em fazê-lo. Ao estreitar publicamente com o livro *Quarto de Despejo*, em 1960, resultado de seu diário manuscrito (temido por sua vizinhança) mexeu com as bases da construção da Literatura nacional, por isso sua obra foi um sucesso, mas não foi absorvida, talvez a palavra que se encaixe melhor seja digerida. Ocorreu um processo de tentativa de silenciamento de Carolina e sua obra, a princípio pelo não reconhecimento do seu diário como literatura, fato que se estendeu ao longo dos anos dentre vários críticos literários e pesquisadores. Posteriormente, por impedimentos ainda não profundamente conhecidos em sua totalidade ou rompimentos na continuidade de suas publicações. Talvez as críticas desfavoráveis tecidas na época possam ser compreendidas como tentativas de apagamento de sua escrita, memória, identidade, competência e brilho próprio por meio dos estereótipos negativos que foram criados.

Segundo Assis (2014), a Literatura Canônica Brasileira ainda encontra dificuldades de reconhecer as qualidades literárias escritas pelos marginalizados do Brasil. “Prova disso é a predominância de pesquisas e projetos voltados à literatura periférica na área das ciências sociais e não na teoria literária, como seria de se esperar” (2014, p. 53). Deste modo, a escritora Carolina Maria de Jesus segue com uma visão deturpada, geralmente seus escritos são apresentados como documento histórico-sociológico.

3.2 Discriminação de uma escrita marginal

A escrita de Carolina Maria de Jesus foi denominada como produção literária marginal, “que não pertencem ou que se opõem aos cânones estabelecidos; que são de autoria de escritores originários de grupos sociais marginalizados; ou ainda; que tematizam o que é peculiar aos sujeitos e espaços tidos como ‘marginais’” (NASCIMENTO, 2006, p. 01).

Para um escritor pertencer ao cânone, à crítica literária espera-se que as obras condizem com a gramática normativa, isto é, vocabulário rebuscado, erudito, e que domine os códigos da linguagem. Para Marcos Bagno, esse pressuposto ocasiona o preconceito linguístico, retratado em sua obra como mito nº 1 “a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente” (2007, p. 40):

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”.

Marcos Bagno defende que a língua é diversificada, visto que no Brasil tem diferentes culturas, etnias e classes sociais. Assim, torna-se preconceito padronizar a língua, e exigir que os escritores escrevam permanentemente de acordo com a norma culta. “Afim, se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática” (BAGNO, 2007, p. 62).

Nessa perspectiva, o preconceito linguístico também contribuiu para que a escritora Carolina Maria de Jesus fosse excluída da literatura canônica. Não dominava a escrita, frequentou a escola somente por dois anos, escrevia ao seu modo. Apesar disso, estudava com frequência os dicionários de prosódias ou gramaticais, procurando aperfeiçoar seu letramento literário. Para Farias (2017):

Carolina foi vítima da perseguição da língua por uma “intelligentsia”, supostamente ditadora das regras culturais da língua e escrita, mas como uma imposição de critérios e condutas, na forma de dominação, algo canônica, garantidora da hegemonia de uma casta, de um pequeno e seletivo grupo encastelado no “poder das letras”, diga-se de passagem, já predominantes nas culturas e na política do país, por longos séculos. (FARIAS, 2017, p. 237)

Cabe apontar, que o jornalista Audálio Dantas, responsável por encontrar e publicar a obra *Quarto de Despejo*, encarregou-se da edição do texto, analisou, sintetizou os 35 cadernos, e, sobretudo modificou algumas palavras, visando à melhor compreensão do público leitor. “A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos. [...] E foi só, até a última linha” (JESUS, 1960, p. 3).

Nessa perspectiva, os críticos da época duvidavam da autenticidade da obra, acreditavam que seria Audálio Dantas o verdadeiro escritor. Mesmo com a escrita distante da norma padrão, a obra é intensa, comovente, sarcástica, bem estruturada, rica de significado, com olhar sensível e clareza de ideias, e isso na visão de certos críticos não poderia ter sido elaborado por uma negra periférica. Assim, seria mais fácil atribuir as qualidades da obra a um homem branco da elite. Como evidencia o crítico Martins (1993, p. 74):

Tudo indica que a editoração de Audálio Dantas foi muito além da excessiva presença que admite na preparação do texto. Cortes, seleções, vocabulário e até, penso eu, notações inteiras, sugerem que é tempo de lhe restituir autoria do “diário de uma favelada”. (MARTINS, 1993, p. 74, grifo do autor)

Carlos Vogt, um crítico literário, em sua obra “Trabalho, pobreza e trabalho intelectual”, afirma que a obra *Quarto de Despejo*, apresenta uma forte veracidade, nesse sentido ele pressupõe que essa temática melhor seria inserida nas ciências sociais, assumindo que Carolina não teria espaço no campo literário. Como bem afirma Carlos Vogt (1983):

Quarto de Despejo é uma obra de gosto realista, na qual o verismo é a nota dominante da "ideologia estética" do autor. Contudo, o seu realismo estaria melhor caracterizado se, ao invés de literário, o vissemos dentro daquela espécie de realismo etnográfico desenvolvido pelo antropólogo Oscar Lewis nos anos quarenta e cinquenta nos seus trabalhos sobre a cultura da pobreza. (VOGT, 1983, p. 209)

Carolina Maria de Jesus sofreu discriminação por ser mulher, negra e por sua obra conter uma escrita popular, ocasionada por sua condição social e pouca escolaridade. Os intelectuais da época e os críticos literários, como o citado Martins e Carlos Vogt, subjugaram a qualidade literária da sua escrita, não aceitavam que uma periférica pertencesse à cultura letrada. Por esses e outros motivos, Carolina acabou entrando em decadência, esquecida da mídia e do público leitor.

É importante destacar, com o dinheiro do sucesso da obra, Carolina realizou seu desejo de mudar-se da favela do Canindé, considerado o quarto de despejo, para a tão sonhada sala de estar, bairro nobre de São Paulo. Embora Carolina estivesse realizada com a conquista da casa própria, na casa de alvenaria viveu momentos de penúria e rejeição social. Segundo Farias (2017, p. 319):

Sua vida dos últimos anos foi de pensar nos projetos editoriais para tentar voltar, às graças da imprensa e ao abraço do povo, de onde vinha se desgarrando. Mas os azedumes do seu temperamento irrequieto, os problemas surgidos após avassaladora fama, a falta de dinheiro, foi agravando o estado de espírito de Carolina, [...] mesclada com o meio, a opressão social e da imprensa, que não perdoavam nenhum gesto seu.

Ainda assim, Carolina desejava voltar ao estrelato literário com novos projetos editoriais, mas a imprensa rebatia suas aparições de forma pejorativa e preconceituosa. A escritora morreu aos 62 anos de idade, longe da agitação, quase esquecida e pobre, como foi boa parte de sua vida. Para tanto, Carolina tornou-se símbolo de luta e representatividade para as mulheres negras. Deixou seu legado, abrindo caminhos para os indivíduos desprivilegiados conquistarem seu lugar de fala (FARIAS, 2017).

4 REFLEXÃO SOBRE O RACISMO PRESENTE NA OBRA *QUARTO DE DESPEJO*

Para adentrar na questão racial presente na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, faz-se necessário, antes de tudo, compreender a definição de racismo, como surgiu e estruturou-se. Segundo Munanga e Gomes (2006):

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes de ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho, etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a qual se tenta impor como única e verdadeira. Exemplo disso são as teorias raciais que serviam para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 179)

O racismo ganhou notoriedade no século XIX, a esse respeito, foram estabelecidas teorias científicas pautas na hierarquia de raças, isto é, para os teóricos (François Bernier, Carlos Lineu e Charles Darwin), existia uma raça superior às demais - a branca pura; enquanto os negros encontravam-se na última posição dessa pirâmide, os biologicamente incapazes. Nesse sentido, o homem branco seria o único apto de pensar e governar o mundo (MUNANGA, 2006).

Thomas Bonnici (1998) evidencia que essas teorias foram desenvolvidas para estabelecer uma relação de poder entre o sujeito (homem branco) e o objeto (homem negro). Nesse pressuposto, os discursos racistas atuavam como controle ideológico e social, “[...] o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador” (BONICI, 1998, p. 230).

Partindo dessa premissa, destaca-se que o Brasil foi o último país ocidental a abolir a escravidão e o único que mais importou escravos. Nesse sentido, as teorias raciais encontrou no Brasil um campo fértil para progredir. Rangel (2015, p. 19) salienta que após a realização do Primeiro Congresso Universal das Raças em Londres, ficou evidente que não existiam raças superiores ou inferiores, mas sim, raças adiantadas e atrasadas.

Logo após as teorias raciais revogadas, e com a abolição do regime escravocrata no Brasil, não foram criadas políticas públicas que assegurassem os direitos da população negra. Assim, os mesmos viviam às margens da sociedade, oprimidos, sem emprego e sem moradia (MUNANGA, 2006). Desse modo, ao serem excluídos, ocasionou as desigualdades sociais. De acordo com Osório (2008):

No momento da abolição, foram suprimidas as barreiras formais que a escravidão oferecia à competição dos negros com os brancos pelas posições sociais. Mas quando os portões são abertos e se faculta aos negros o ingresso na corrida, os brancos já estão quilômetros adiante. Essa é a condição inicial. Para que os negros superem a desvantagem imposta por ela, é preciso que, a cada geração, percorram uma distância maior do que a percorrida pelos brancos. Se não conseguem fazê-lo, a desigualdade racial existente no momento da abertura dos portões persiste. (OSÓRIO, 2008 p. 66)

A discriminação racial estar enraizada na sociedade, o racismo que antes era visto escancarado, agora, permanece velado/negado. O Brasil impõe uma falsa “democracia racial”, acreditando não mais haver desigualdades, que ambos convivem harmoniosamente, um grande equívoco, posto que a figura do negro ainda é visto com inferioridade. Nesse sentido, Munanga (2008) afirma que:

O mito da democracia racial, baseado na dupla mestiçagem, biológica e cultural, entre as três raças originárias, tem uma penetração muito profunda na sociedade brasileira: exalta a ideia de convivência harmoniosa entre os indivíduos de todas as camadas sociais e grupos étnicos, permitindo às elites dominantes dissimularem as desigualdades e impedindo os membros das comunidades não brancas de se conscientizarem acerca de suas características culturais. [...] Pelo mito, o Brasil vê o problema da desigualdade como uma questão de renda e acesso à educação que a maioria da população não consegue ter e manter por falta de recursos. Porém, o problema está mascarado por uma sociedade que insiste em acreditar não haver racismo e discriminação no nosso país. (MUNANGA, 2008, p. 77)

Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo*, denuncia o racismo impregnado na sociedade brasileira. A vida de Carolina é regida por discriminação racial desde a infância, fase adulta e até a velhice, momento que entrou em decadência e morreu esquecida. A autora/personagem sofre a tripla exclusão, por ser mulher, negra e pobre, de igual modo, que retrata na obra seu sofrimento diário.

No período de 1958, a população negra no Brasil ainda sofria com a excessiva desigualdade social. Carolina no diário descreve, "hoje é o dia que comemora a libertação dos escravos. [...] A Vera começou a pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. [...] E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome!" (JESUS, 1960 p. 32). À vista disso, a escritora/personagem não ver motivos para comemorar o dia da abolição da escravatura, já que a miséria persistia, sendo reflexo da escravidão. Para Silva e Silvia (2012):

Com a abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, os afrodescendentes conquistaram a liberdade de ir e vir, porém continuaram presos ao preconceito social da época, ante a ausência de políticas pós-abolição, pois não se criaram leis nem projetos sociais visando sua inclusão na sociedade, na qual foram lançados desprovidos de dinheiro, sem condições de estabelecer, tendo que trabalhar por míseras compensações pecuniárias, incapazes de suprir suas necessidades, em total desigualdade com os brancos, permanecendo marginalizados, vistos como seres inferiores, longe de ocuparem as mesmas posições sociais que os brancos, acarretando-lhes uma inferioridade econômica com reflexos até os dias de hoje. (SILVA; SILVA, 2012, p. 24).

Carolina Maria de Jesus critica o desamparo do poder público, que pela falta de ferramentas que promovesse o bem-estar e qualidade de vida é condicionada a pobreza extrema, convivendo com a fome diariamente. Dessa forma, ela ironiza, acredita que seria mais fácil se existisse um profeta para solucionar os problemas da população negra, como aconteceu com povo judeu que dispuseram de Moisés:

14 de setembro: Hoje é o dia da Páscoa de Moisés. O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje. O preto é perseguido porque a sua pele é da cor da noite. E o judeu por ser inteligente. Moisés orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós. (JESUS, 1960 p.118).

Carolina é vítima das práticas racistas constantemente, sendo negra, as portas são fechadas, não lhe é concedida oportunidades de emprego, tampouco seus escritos valorizados. Para Carolina sua cor era maior barreira para realizar suas aspirações. Embora impedida de ser escritora e ter seus textos negados por sua condição de mulher, negra e favelada, havia momentos que sua cor dava-lhe motivos de orgulho, reconhecia e aceitava sua identidade negra:

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circo. Eles respondiam-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1960, p. 65)

É interessante frisar em *Quarto de Despejo*, que as atitudes racistas são manifestadas até pelas crianças, prematuramente discriminam, porque associam que “ser negro” é desagradável. Nesse sentido, Kiusam de Oliveira (2017), especialista em livros de empoderamento de crianças e jovens, afirma que a criança é capaz de reproduzir o racismo que vê, logo, é a sociedade que influenciam, já que

as mesmas percebem que a figura do negro é permanentemente humilhada, subalternizada. Dessa forma, Carolina revolta-se, a pureza de uma criança é corrompida:

Sentei ao sol para escrever. A filha da Silvia, uma menina de seis anos, passava e dizia: - Está escrevendo, negra fidida! A mãe ouvia e não repreendia. São as mãe que instigam. Havia pessoas que nos visitava e dizia: - Credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo. Eu estou começando a perder o interesse pela existência. Começo a revoltar. E minha revolta é justa. (JESUS, 1960, p. 92)

Há também ocasiões que Carolina naturaliza os ataques racistas, isto é, por tantas vezes sofrer discriminação considera habitual às atitudes, é um processo de aceitação e submissão ao homem branco. Carolina descreve um acontecimento, que em serviço foi buscar papéis a convite de uma amiga, nesse contexto a escritora/personagem naturaliza e silencia as facetas do racismo:

No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço. Quiz saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliquei-lhe que a mãe dos meninos havia dado-me uns jornaes. Era este o motivo da minha presença no elevador. Perguntei-lhe se era medico ou deputado. Disse-me que era senador. O homem estava bem vestido. Eu estava descalça. Não estava em condições de andar do elevador. (JESUS, 1960, p.111)

A partir do exposto, verifica-se que a expressão “olhar com repugnância” é associada ao racismo, a escritora/personagem está tão habituada com essas práticas que sente necessidade de justificar-se e desculpar-se, sucedendo a naturalização da discriminação racial e social. Para Carolina, há ambientes que não podem ser frequentados por pessoas negras e desfavorecidos. A esse respeito, Moraes (2013), ressalta que:

Antes da cor, da pele, do constrangimento social e político baseado no fenótipo, da exclusão calcada no que é entendido como “diferente”, vem a naturalização. Ela está na base de toda forma de preconceito (de gênero, identidade sexual, condição social, raça etc.) e nasce batizada pela ignorância. A naturalização tem o perigoso efeito de embotar nossa visão e é [...] essencialmente ideológica: está relacionada ao senso comum, ao “é como é”, como se o mundo tivesse uma essência e não fosse resultado de construções históricas e sociais. (MORAES, 2013, p. 18)

Em algumas passagens, nota-se um cenário de impossibilidades da população negra para o progresso social, a figura do negro é ligada a improdutividade, um paradigma que enraizou-se na sociedade. “A Florenciana é preta. Mas é tão diferente dos pretos por ser muito ambiciosa. Tudo que ela faz é

visando lucro. Creio que se ela fosse dona de um matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois” (JESUS, 1960, p. 67). De certa forma, para a ideologia desse período não seria conveniente o negro ser ganancioso, ou almejar melhores condições (RODRIGUES; BAPTISTA; FIRMINO, 2006).

Nessa mesma ótica, Carolina ouve de sua vizinha: “- Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você” (JESUS, 1960, p. 27). Nesse sentido, os negros deveriam preocupar-se mais com a sobrevivência do que com os privilégios destinados aos brancos, como a leitura. Em outro momento, Carolina comenta ter conhecido uma pretinha muito “limpinha” que falava “muito bem” (1960, p. 23). Fica evidente, a partir dos trechos, um país que condiciona e deslegitima a figura do negro, pois não estavam acostumados vê-los em papéis de destaque.

Cabe frisar, que Carolina aproximava-se do ideário do branqueamento, acreditava, que quanto mais próximo ao homem branco, maior seria o acesso a espaços de poder. Desejava pertencer à elite, o mundo dos brancos, obter prestígio, ser valorizada e aceita como escritora, visando, acima de tudo, acabar com o estigma da discriminação. Segundo Bento e Carone (2012):

No Brasil, o branqueamento é freqüentemente considerado como um problema do negro que, descontente e desconfortável com sua condição de negro, procura identificar-se como branco, miscigenar-se com ele para diluir suas características raciais. *Na descrição desse processo o branco pouco aparece, exceto como modelo universal de humanidade, alvo da inveja e do desejo dos outros grupos raciais não brancos e, portanto, encarados como não tão humanos.* (BENTO, CARONE, 2012 p. 2, grifo nosso)

Partindo desse pressuposto, Carolina reconhecia-se distinta dos moradores da favela do Canindé, uma vez que pertencia à cultura letrada, a única capaz de ler. Além dos seus valores morais, visto que considerava errôneas as atitudes das mulheres, dos nordestinos e portugueses. Assim sendo, não se identificava com a vida na favela, e sim com a classe dominante. Como declara Castro e Machado (2007, p. 46):

Carolina nunca se conformou com a vida na favela, nunca se identificou com os outros favelados, cuja indolência e conformismo criticava. “Percebia-se como culturalmente mais bem aquinhoadas que os vizinhos, mas só pela escrita podia se afirmar como tal. Era cheia de contradições, em todos os níveis – social, cultural, psicológico. Mulher negra, tinha preconceito contra negros. E contra nordestinos. Identificava-se mais com a classe dominante”. Nutria ideais de moralidade e exigências de comportamento, se não incompatíveis, pelo menos em desacordo com a vida da favela.

É nesse sentido que Carolina, além de ser vítima, começa a praticar racismo. “O racismo tem essa peculiaridade: acaba se introjetando nas suas vítimas, tornando-as, também, racistas” (SANTOS 1984, p. 73). Carolina não gostava dos nortistas considerava-os preguiçosos, não simpatizava com as mulheres da favela por serem bagunceiras, suas relações amorosas na maioria eram com homens brancos estrangeiros. No dia 9 de julho de 1958, Carolina relata o seguinte acontecimento:

Quando eu estava preparando-me para sair a Dona Alice veio dizer que dois meninos do Juiz [juizado de menores] estava vagando aqui na favela. Fui ver. Estavam com roupas amarelas. Descalços e sem camisa. Só com aquele blusão em cima da pele. Eles estavam desorientados. Perguntei se queriam café. Responderam que não. Eu entrei e fui preparar para sair para a rua. O José Carlos acompanhou os meninos. Depois veio perguntar-me se eu podia arranjar umas roupas para os meninos. – Vá chamá-los! – Ele foi e voltou com os meninos. Um era mulato claro. Um rosto feio. Um narigão. O outro era branco bonito. (JESUS, 1960, p. 87, grifo do autor)

Dessa forma, ora valorizava a identidade negra, ora voltava-se ao ideário do branqueamento, Carolina no fragmento acima desvaloriza a estética negra, “mulato claro, um rosto feio, um narigão”, diminui a figura do negro em comparação a criança “branca bonita”. Não se pode julgá-la, Carolina, assim como qualquer ser humano vive em contradições, principalmente em uma sociedade na qual a ideologia branca predominava. É importante ressaltar, que Carolina nasceu 26 anos após a abolição da escravidão, a concepção do “ser negro” é fortemente marcado por ser negativo, paradigma esse, impostos pelas teorias raciais.

4.1 Carolina e a busca pela igualdade racial

A igualdade racial parte do pressuposto de que todos os seres humanos são iguais, não existindo raças diferentes, tampouco superiores (RODRIGUES, 2007). Mas, nem sempre foi assim, conforme apresentado anteriormente, foram estabelecidas hierarquias de raças, objetivando a supremacia da “raça branca”, enquanto a “raça negra” era “considerada a mais estúpida, mais emocional, menos honesta, menos inteligente e, portanto, a mais sujeita à escravidão e a todas as formas de dominação” (MUNANGA, 2003, p. 05).

Sob o olhar de Carolina, acreditava não haver diferenças de raças, que todos os indivíduos são dessedentes de uma única raça - a humana. De modo que as oportunidades e os direitos deveriam ser destinados a todos. Em um contexto de discriminação, violência e opressão, Carolina almejava uma sociedade igualitária, com seus direitos respeitados:

Se os pretos tivesse chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas nem o branco nem o preto conhece a sua origem. O branco é quem diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém. (JESUS, 1960, p.58).

Perante o exposto, Carolina evidencia que não deveria existir distinção entre o branco e o negro, já que ambos estão subordinados as mesmas atribuições da vida, afirmando que a “natureza não seleciona ninguém”, não é a cor, ou condição financeira que as diferenciam. Logo, a superioridade branca segundo Carolina não tem fundamento, todos são seres humanos. Conforme indica Munanga (2003, p. 7) “é absurdo pensar que os caracteres adaptativos sejam no absoluto ‘melhores’ ou ‘menos bons’, ‘superiores’ ou ‘inferiores’ que outros.”

No trecho a seguir, Carolina traz uma série de indagações, questiona “se no plano superior também ocorre desigualdade”, “se os habitantes do céu são melhores que os da terra”, “se é uma nação diversificada”. Desta forma, percebe-se uma preocupação da escritora/personagem de não encontrar paz e felicidade longe da terra, em outras palavras, o medo de está condicionada ao preconceito racial permanentemente:

Quando estou com pouco dinheiro, procuro não pensar nos meus filhos que vão pedir pão, pão, café. Desvio meu pensamento para o céu. Penso: será que lá em cima tem habitantes? Será que eles são melhores que nós? Será que o predomínio de lá suplanta o nosso? Será que as nações de lá é variada igual aqui na terra? Ou é uma nação única? Será que lá existe favela? E se lá existe favela será que quando eu morrer, vou morar na favela?”(JESUS, 1960, p. 45)

Na declaração universal dos direitos humanos, afirma no artigo I que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade” (2009, p. 4). Era esse preceito que Carolina tanto almejava, no dia 19 de maio descreve: “deixei o leito às 5 horas. Os pardais já estão iniciando

a sua sinfonia matinal. As aves devem ser mais felizes que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade (JESUS, 1960, p. 30).

Acrescenta-se ainda, que Carolina participava de atividades com os negros paulistas, visando denunciar a condição do negro e lutar pela igualdade de direitos. É nomeada após o sucesso de *Quarto de Despejo* a “Mãe Negra” em uma comemoração do 89º aniversário da Lei do Ventre Livre. Nesse evento de militância, uma figura importante da época afirmou que “havia de sair do lixo e dos monturos quem ia libertar os homens de cor do Brasil” (FARIAS, 2017, p. 44). Nessa mesma ocasião, Leite (1960) comenta que:

A presença da lendária figura da Mãe Negra, nesse encontro com Carolina Maria de Jesus é mais uma homenagem, por estarmos diante de uma tese que tem um alto sentido humano; é mais do que cívico porque nela reflete os reclamos de soluções sociais, com reflexos políticos, culturais e científicos. (LEITE, 1960. p. 03 apud FARIAS, 2017 p. 246)

Conforme defende Rodrigues (2007, p.147), “a efetivação do princípio da igualdade é tarefa primordial e fundamental de toda a nação democrática. A busca pela igualdade deve ser incessante e constante”. Nessa perspectiva, Carolina sendo mulher, negra, favelada e mãe solteira, é inserida na esfera mais baixa da sociedade, motivos esses que levou-a lutar constantemente pela igualdade racial, e ainda assim, sobreveio sua decadência e o esquecimento editorial.

Contudo, o racismo estrutural reproduz fortemente a desigualdade. A população negra é a que mais sofre com a falta de oportunidades, acesso à moradia, escola e saúde, sujeitando-se a miséria, favelização e genocídio (MARTINS, 2018). Diante dessa realidade, a escritora/personagem manifesta no diário a situação política e social do Brasil, suas dificuldades e a luta diária para sobreviver:

Para mim o mundo em vez de evoluir está retornando a primitividade. Quem não conhece a fome há de dizer: “Quem escreve isto é louco”. Mas quem passa fome há de dizer: - Muito bem, Carolina. Os generos alimentícios deve ser ao alcance de todos. Como é horrível ver um filho comer e perguntar: “Tem mais”? [...] Antigamente era a macarronada o prato mais caro. Agora é o arroz e feijão que suplanta a macarronada. São os novos ricos. Passou para o lado dos fidalgos. Até vocês, feijão e arroz, nos abandona! Vocês que eram os amigos dos marginais, dos favelados, dos indigentes. Vejam só. Até o feijão nos esqueceu. Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo. (JESUS, 1960, p. 32, 34 e 38)

A situação acima descrita por Carolina ocorreu há 59 anos, verifica-se que no contexto atual nada mudou, as desigualdades permanecem. Segundo o jornalismo Alma Preta (2018), especializado na temática racial do Brasil, o relatório “Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça”, mostra que o número de pessoas analfabetas no país em 2015 é de 9.161.529 negros e 3.610.111 brancos. No mercado de trabalho, dados de 2014 do IBGE apontam que o desemprego no Brasil atinge 7,5% pretos e 5,1% da população branca. Os resultados da organização TETO Brasil apontam que 70% dos moradores de favela de São Paulo são negros, e que a cada 100 pessoas assassinadas no Brasil 71 também são negras.

4.2 A branquitude como lugar de privilégios

Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, surge do Brasil uma ideologia denominada “tese do branqueamento”, derivada, por sua vez, das teorias raciais adotadas na Europa. Segundo Skidmore (1989) os intelectuais da época, como João Baptista de Lacerda, objetivava embranquecer toda população brasileira, ou seja, transformar as futuras gerações negras, os ditos inferiores, em “raças” superiores, através da miscigenação entre negros e brancos. Tais teses racialistas almejavam diminuir o grande número de negros e assim, desenvolver o país.

Esperava-se, com a ideologia do branqueamento durante 50 a 200 anos toda a sociedade já estaria purificada com o sangue branco. Para a miscigenação suceder foi permitida a imigração europeia e a proibição da imigração negra. Entretanto, após a segunda guerra mundial as ideologias racistas foram contestadas, sobretudo, com o surgimento de congressos organizados pela ONU - Organização das Nações Unidas (DOMINGUES, 2002).

Ainda que, a tese do branqueamento estivesse desacreditada, suas convicções perpetuaram, a população negra continuava negando seu fenótipo. Dessa maneira, desejavam ser aparentemente brancos intencionando não sofrerem discriminação racial (DOMINGUES, 2002).

Nota-se, no fragmento abaixo, que a patroa de Carolina utiliza um discurso persuasivo para convencê-la trabalhar em troca de embranquecê-la, sendo esse o desejo da maioria dos negros da época. Carolina de imediato concorda, visando usufruir da supremacia branca. Posteriormente, descobri que esse

branqueamento não poderia ser alcançado, e que a figura do negro estaria sempre condicionando a inferioridade.

Mas, dona Maria Cândida disse-me: — Sabe, Carolina, você vem trabalhar para mim e quando eu for a Uberaba eu compro um vestido novo para você, vou comprar um remédio para você ficar branca e arranjar outro remédio para seu cabelo ficar corrido. Depois vou arranjar um doutor para afilar o seu nariz. Pensei: “Então estes homens que trabalham aqui já foram pretos e a fazendeira fez eles ficarem brancos! E quando eu ficar com os cabelos corridos e o nariz afilado, quero ir a Sacramento para meus parentes me verem. (JESUS, 1986, p. 134)

Nesse contexto, Carolina na sua narrativa também apresenta a condição do homem branco na sociedade da época, revelando a superioridade racial do mesmo. Segundo SCHUCMAN (2012, p. 23) a identidade racial branca “foi sistematicamente privilegiado no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade”.

Carolina, diante dessa realidade evidencia a superioridade branca como um dispositivo corroborador da instituição de práticas racistas. Nesse sentido, o homem branco não consciente de seus privilégios, acabava naturalizando, ou negando a existência do racismo (SANTOS, 2018, p. 380).

Assim sendo, entende-se por *branquitude*, a identidade racial pertencente ao branco com seus atributos positivos, ou melhor, o homem branco no lugar de privilégios. Ruth Frankenberg (1999, p. 70), define-a “como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo”. Partindo desse pressuposto, Cardoso (2010) ressalta, que:

Ao observar o grupo branco de longe, de repente, pode surgir a impressão de que a branquitude é homogênea, porém, com a aproximação percebe-se o quanto os brancos são diversos. O principal aspecto em comum, diz respeito ao privilégio que o grupo branco obtém em uma sociedade racista, tanto no contexto local quanto no global [...] a branquitude se expressa tanto desaprovando os privilégios obtidos com sua identidade racial quanto argumentando em favor da superioridade racial e pureza nacional. Se por um lado, a branquitude crítica não se preocupa com a reflexão de que possuem identidade racial, por outro lado, a branquitude acrítica propaga direta e indiretamente a superioridade e pureza racial branca (CARDOSO, 2010, p. 613).

À vista disso, Cardoso em seu trabalho intitulado “O branco ‘invisível’: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais

no Brasil”, divide a *branquitude* em dois grupos, a “*branquitude* crítica” na qual o indivíduo branco é contra o racismo, enquanto na “*branquitude* acrítica” o indivíduo branco é racista, e por vezes abusa da sua superioridade, inferiorizando os negros (2010, p. 612). De acordo com a ótica do autor, verifica-se a *branquitude* acrítica na seguinte situação:

Depois fui no açougue Bom Jardim comprar carne. Cheguei no açougue, a caixa olhou-me com um olhar descontente.
 — Tem banha?
 — Não tem.
 — Tem carne?
 — não tem.
 Entrou um japonês e perguntou:
 — Tem banha?
 Ela esperou eu sair para dizer-lhe:
 — Tem. (JESUS, 1960, p. 151)

É o olhar descontente da atendente, como também o desprezo, e a mentira favorecendo o sujeito branco, que confirma as atitudes racistas. Dessa forma, a funcionária privilegia um status racial. Fica evidente, a partir do trecho acima, a *branquitude* acrítica, na qual “sustenta que ser branco é uma condição especial, uma hierarquia obviamente superior a todos não-brancos” CARDOSO (2010, p. 612). Nesse seguimento, Carolina em outro episódio narra:

Eu estava pagando o sapateiro e conversando com um preto que estava lendo um jornal. Ele estava revoltado com um guarda civil que espancou um preto e amarrou numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transforma preto em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata? (JESUS, 1960, p. 108)

Nesta passagem da obra, Carolina expõe a revolta de um amigo ao presenciar o guarda civil espancando um preto. O guarda civil é branco e abusa da sua superioridade racial, novamente constata-se a *branquitude* acrítica. A partir do exposto, convém ressaltar que a violência praticada por policiais contra a população negra, pobre e periférica ainda persiste em grande escala. Segundo o jornalismo Alma Preta (2018), as forças policiais no Brasil são as que mais matam no mundo, na maior parte dos casos, são homicídios de pessoas já rendidas, ou inocentes, os registros entre 20 municípios de São Paulo no ano de 2013 a 2016, apontam que 67% dos mortos por policias eram pretos e pardos.

É importante ponderar, que a *branquitude* crítica também é evidenciada em *Quarto de Despejo*, conforme indicada por Cardoso (2010) como uma parcela que reconhece seus privilégios, mas não concorda com as práticas racistas. Santos (2018, p. 387) sustenta que a distinção é necessária para compreender que a *branquitude* não é homogenia, de modo que há certos indivíduos brancos que não abusam do seu lugar de privilégios ocasionado pela estrutura social racista. Dessa forma, Carolina descreve o seguinte episódio:

Fui no empório, levei 44 cruzeiros. Comprei um quilo de açúcar, um de feijão e dois ovos. Sobrou dois cruzeiros. Uma senhora que fez compra gastou 43 cruzeiros. E o senhor Eduardo disse:
 — Nos gastos quase que vocês empatam.
 Eu disse:
 — Ela é branca. Tem direito de gastar mais
 Ela disse-me:
 — A cor não influi.
 Então começamos a falar sobre o preconceito. (JESUS, 1960, p.122)

Nesse sentindo, quando a cliente do empório responde “a cor não influi”, observa-se a *branquitude* crítica, que “desaprova o racismo publicamente” CARDOSO (2010, p. 612). A conduta da mulher revela que ambas, independente da cor, deveriam compartilhar os mesmos gastos, sem haver privilégios.

Para tanto, as questões raciais retratada em *Quarto de Despejo*, no período de 1955 a 1960, mostra que ainda se tem um longo caminho para destruir as facetas do racismo, visto que ele permanece velado. Assim, “temos em Quarto de Despejo um conteúdo que transcende ao tempo e se apresenta como atual e significativo para as pessoas que hoje se propõem a lê-lo” (MIRANDA; CAETANO, 2013, p. 33).

5. CONCLUSÃO

Diante das reflexões ao longo desse trabalho, ao apresentar a trajetória da escritora Carolina Maria de Jesus, constatou-se a condição da mulher negra no Brasil, que seguem lutando contra o machismo e a opressão, o quanto o cânone continua privilegiando o homem branco elitizado e excluindo a classe subalterna, constatou-se também a condição do negro que ainda sofre com o racismo e as desigualdades. Assim, a obra *Quarto de Despejo* é uma produção literária que transcende ao tempo, a narrativa de uma mulher, negra, pobre e semianalfabeta se reapresenta a sociedade como instrumento de transformação sociorracial.

Além disso, promover os escritos de Carolina é dar possibilidades aos indivíduos desprivilegiados reivindicarem seu espaço, e, sobretudo conquistar seu lugar de fala, isto é, tornarem-se sujeitos da literatura, protagonistas da própria história e luta, e não como meros objetos de intermediação. E sob esta perspectiva, Carolina revelou que é possível desafiar a lógica canônica que prioriza o homem branco elitizado. Além disso, resgatar Carolina é transformá-la em símbolo de representatividade para os movimentos sociais que lutam por igualdade racial e de gênero.

Acrescenta-se, que a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* pode permear os estudos literário, historiográfico, antropológico e sociolinguístico. A obra proporciona uma visão crítica sobre a política e as condições individuais e sociais do homem escondido no quarto de despejo, além de contribuir para a desconstrução do racismo. Nesse sentido, constata-se a importância da obra desde a educação básica até em processos seletivos, visto que há predominância de escritores homens e já clássicos.

Cabe ainda ressaltar, a dificuldade em encontrar embasamento do referido trabalho monográfico, no que se refere à biografia e análise da obra, a qual constatou as consequências do soterramento literário que sua obra sofreu. Acredita-se, que esse trabalho contribuirá com as novas pesquisas na área, visto que, são poucos, se não raros, os textos críticos preocupados com essas problematizações. Nesta perspectiva, tornam-se necessárias novas análises, tanto com a obra *Quarto de Despejo*, que abrange diversas outras temáticas, quanto com outras obras excepcionais de Carolina que ainda permanecem inacessíveis e desconhecidas do público leitor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Mariana Santos de. **Antes de ser mulher, é inteira poeta: Carolina e o cânone literário**. Carolina Maria de Jesus / Dinha e Raffaella Fernandez, organizadoras. - São Paulo: Me Parió. Revolução, 2014.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 49. ed. São Paulo: Loyola. 2007.

BELCHIO, Douglas. **Você não é racista? então pratique seu antirracismo!** Disponível em: <<https://negrobelchior.cartacapital.com.br/voce-nao-e-racista-entao-pratique-seu-antirracismo/>>. Acesso em: 03 de jul. de 2019.

BENTO, Maria Aparecida e CARONE, Iray (orgs.) **Psicologia social do racismo**. Estudos sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

BONNICI, Thomas. **Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais**. Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

BRASIL. **Declaração universal dos direitos humanos**. UNIC / Rio / 005 - Agosto 2009.

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais da Mata. **Muito Bem, Carolina!**: biografia de Carolina Maria de Jesus. Editor: Fernando Pedro da Silva. Belo Horizonte: C/ Arte, 2007.

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**, revista Latino americana de Ciências sociais, vol. 8, núm. 1, pp. 607-603, 2010.

CALEGARI, Luiza. **Número de negros mortos por policiais é o triplo do de brancos**. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/numero-de-negros-mortos-por-policiais-e-o-triplo-do-de-brancos/>> Acesso em: 20 de Maio de 2019.

DOMINGUES, Petrônio José. **Negros de Almas Brancas? A Ideologia do Branqueamento no Interior da Comunidade Negra em São Paulo, 1915-1930**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, nº 3, 2002, pp. 563-599.

DUARTE, Lima. Constância, **Arquivos de mulheres e mulheres anarquizadas: histórias de uma história mal contada**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [en linea] 2007.

FRANKENBERG, Ruth (1999a), **White women, race masters: The social construction of whiteness**. USA: University of Minnesota. (1999b), "Race, sex and Intimacy I: Mapping a discourse", in FRANKENBERG, Ruth (1999 a), 70-101.

FARIAS, Tom. **Carolina: uma biografia** / Tom Farias – Rio de Janeiro: Malê, 2017.

_____ apud “**Poesias, fogões e panelas**” A noite, Rio de Janeiro, 9 de janeiro de 1942.

_____ apud Trechos extraídos do artigo “**O sentido humano da mãe negra**”. Revista Níger, setembro de 1960.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Até onde Carolina nos leva com seu pensamento? Ao poder**. Carolina Maria de Jesus / Dinha e Raffaella Fernandez, organizadoras. - São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

HOSHINO, Camila. **A criança é capaz de reproduzir o racismo que vê**. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/entrevista-kiusam-de-oliveira/>> Acesso em: 9 de abril de 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. **Antologia Pessoal**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e revisão de Armando Freitas Filho. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. **Diário de Bitita** / Carolina Maria de Jesus. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Meu estranho diário**. Organização de José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert M. Levine. São Paulo: Xamã, 1996.

_____. **Onde estaes Felicidade?** - Carolina Maria de Jesus / Dinha e Raffaella Fernandez, organizadoras. - São Paulo: Me Parió Revolução, 2014.

LOPES, Elisângela Aparecida. **A importância da leitura e da escrita para Carolina Maria de Jesus: uma análise do seu Quarto de despejo**. Literafro. 2016.

LEVINE, Robert M; MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MARTINS, Wilson. **Pontos de vista: crítica literária**. São Paulo: Editora T.A. Queiroz, 1993.

MORAES, Fabiana. **No país do racismo institucional: dez anos de ações do GT Racismo no MPPE** / Fabiana Moraes; Coordenação Assessoria Ministerial de Comunicação Social do MPPE, Grupo de Trabalho sobre Discriminação Racial do MPPE - GT Racismo. Recife: Procuradoria Geral de Justiça, 2013.

MIRANDA; CAETANO. **Quarto de Despejo: a singularidade de uma escrita marginal**. Monografia. Universidade Estadual da Bahia – UNEB, 2012.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma L. **O negro no Brasil de hoje**. Global, 2006.

_____, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação. PENESB-RJ, em 5 de nov. 2003.

MARTINS, Thalyta. **O negro e as desigualdades sociais em 130 anos de abolição.** Disponível em: <<https://almapreta.com/editorias/realidade/o-negro-e-as-desigualdades-sociais-no-brasil>> Acesso em: 02 de Maio de 2019.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiências marginal e construção estética.** Dissertação (Mestrado) – Faculdade, Letras e Ciências Humanas. USP – São Paulo, 153f. 2013.

MIRANDA, Ileide Pereira; CAETANO, Núbia Batista. **Quarto de Despejo: a singularidade de uma escrita marginal.** Monografia, Universidade Estadual da Bahia – UNEB, Jacobina. 2012.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Vozes Marginais na Literatura.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

OSÓRIO, Rafael Guerreiro. **Desigualdade racial e mobilidade social no Brasil: um balanço das teorias.** In: THEODORO, Mário. As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição. Brasília: Ipea, 2008.

RANGEL, Pollyanna Soares. **Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX.** Revista Simbiótica Razão e Sensibilidade. v. 2, n. 1, jun., 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/10324>>. Acessado em: 7 de jul. 2019.

RODRIGUES, A. F; BAPTISTA, C & FIRMINO, E. **A questão racial em Quarto de despejo.** Baleia na Rede, 1(3). Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1361>> acessado em: 30 de abril, 2019.

RODRIGUES, Jorge Arthur Moojen. **Políticas públicas afirmativas e o princípio da igualdade em face do preconceito e da discriminação no Brasil.** São Paulo: Comunnicar, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. **O que é Racismo.** São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.

SANTOS, Jose Luis Felizardo dos. **Quarto de Despejo: uma análise acerca do racismo e branquitude.** Revista crioula nº 21 semestre/ 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido” o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana.** Tese (Doutorado - Programa de Pós Graduação em Psicologia. Área de Construção: Psicologia Social). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVA, Amaury e Silva, Artur Carlos. **Crimes de racismo**. São Paulo: Editora J.H. Mizuno (2012).

SOUZA, Forentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira** / Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VOGT, Carlos. **Trabalho, pobreza e trabalho intelectual**. In: SCHWARZ, Roberto (org.). Os pobres na literatura brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ZOLIN, Lucia Osana. **“Literatura de autoria feminina”**. In: Bonnici, Thomaz e Zolin, Lucia Osana. Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2009.